

O benefício para os pets

Marina Chequer, 43, moradora da quadra 316 da Asa Norte e frequentadora do gramado que divide as quadras 315 e 316, leva Athos, seu buldogue francês, diariamente para o encontro dos cães. “Quando eu, meu marido e o Athos nos mudamos para a quadra, começamos a frequentar o campão. Fomos muito bem acolhidos, tanto pelas pessoas, quanto pelos animais.” Marina conclui que o espaço, apesar de ser público, tem regras de senso comum aplicadas. “Os bichos mais dóceis ficam sem coleira, mesmo não sendo o recomendado. Os cachorros que causam algum tipo de confusão nem frequentam. Então, as pessoas têm muita consciência.”

Segundo ela, Athos “fica bem mais relaxado, tranquilo e com as necessidades supridas” após o passeio. Nesse sentido, os impactos psicológicos e físicos, comprovadamente, abrangem os pets. Estar em contato com a natureza e com diferentes indivíduos permite um gasto energético durante as interações que ajuda no controle do peso, no equilíbrio e na flexibilidade. Aliado a isso, estar em contato com outros animais promove o desenvolvimento saudável, com o aprendizado de uma linguagem corporal mais correta — o que evita brigas e conflitos — e uma flexibilidade cognitiva mais aprofundada, preparando-os para lidar com situações complexas e inesperadas nos diversos ambientes. Mais do que isso, reduz o tédio, a ansiedade de separação e previne o estresse.

O médico-veterinário Ricardo de Pauli, especialista em comportamento animal, explica que a socialização dos bichos da porta para fora depende do tratamento recebido desde o nascimento. “Do primeiro ao terceiro mês de vida, aproximadamente, o cão está completamente flexível em termos de adaptação com outros indivíduos, período no qual o animal começa a ter contato com outras espécies e a entender que outros animais vão conviver com ele durante a vida”, acrescenta. Ele analisa a importância desse contato durante o período de socialização primária dos animais — o qual é semelhante ao dos humanos —, mas reafirma a recomendação de que os animais só devem sair à rua após a finalização do ciclo vacinal, para evitar que fiquem suscetíveis a doenças.

Ele recomenda que os tutores façam passeios com os filhotes no colo, para que o processo de socialização seja feito com segurança. Além disso, a exposição a ruídos e a pessoas diferentes também é importante nesse período. Quando o contato é feito de maneira defasada, o cachorro pode desenvolver ansiedade, medo e reatividade.

Para animais adultos, a atenção durante o contato com outros pets deve ser voltada a acidentes e traumas. Os diferentes portes e as brincadeiras bruscas podem causar lesões, brigas por espaço, comida e

Fotos: Arquivo pessoal



Athos desfila simpatia entre humanos e animais

QUAIS LOCAIS DO DF OS CACHORROS PODEM BRINCAR EM SEGURANÇA?

- **Parque de Águas Claras, com encontros diários às 17h**
- **ParCão do Cruzeiro, localizado próximo à Feira Permanente do Cruzeiro**
- **Parque do Bosque, no Sudoeste**
- **Quadra 106 do Noroeste, com encontros garantidos a partir das 17h30**
- **Parque Asa Delta, no qual além do gramado, tem o atrativo da entrada para o Lago Paranoá, para aqueles animais que gostam de água**
- **Parque da Cidade, próximo ao Estacionamento 6**

atenção podem gerar ansiedade contínua. Ademais, o contato próximo facilita a transmissão de parasitas, como pulgas e carrapatos, e de doenças infectocontagiosas. Por isso, manter a carteira de vacinação em dia e realizar visitas recorrentes ao veterinário é crucial.

Ricardo aconselha que, em grupos de encontros caninos e creches, a socialização seja feita de maneira cautelosa, com poucos animais e supervisionada por especialistas em comportamento animal que sejam capazes de identificar as expressões faciais e corporais, evitando conflitos e situações desconfortáveis.

A socialização, apesar de ser preferencialmente realizada nos meses iniciais de vida, também pode ser feita na fase adulta. A neuroplasticidade — capacidade do sistema nervoso de mudar, reorganizar-se e adaptar-se ao longo da vida — é preservada nos animais, o que permite a formação de novas associações emocionais por meio de protocolos como a dessensibilização sistemática (método que reduz reações de medo por meio de uma hierarquia de estímulos, associando a exposição gradual ao objeto temido a um estado de relaxamento físico) e o contracondicionamento (técnica que consiste em substituir uma resposta emocional ou comportamental indesejada por uma resposta oposta e positiva, associando o gatilho a um estímulo agradável).

Nos casos de animais que sofreram abandono ou maus-tratos, esses métodos servem como base para a sua reintrodução social. A veterinária Ceres Faraco destaca que a ideia de que animais adultos com histórico de isolamento ou trauma são “casos perdidos” é um mito superado pela ciência comportamental. “Expor o animal de forma gradual e controlada ao estímulo que causa medo ou agressividade, enquanto se associa esse estímulo a experiências positivas, como alimento de alto valor, afeto ou brincadeira, é muito valioso. O processo pode ser lento, durar semanas ou até muitos meses e exige consistência”, pondera.

***Estagiária sob a supervisão de Eduardo Fernandes**